

SANTIDADE POPULAR NO JUDAÍSMO

Valmor da Silva*

*“Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2)
“Deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48)*

Resumo

Com referência à santidade, o artigo toma como ponto de partida a realidade brasileira, sobretudo a cultura católica, enquanto religião popular; com os santos assim popularmente reconhecidos. Com essa proposta de santidade popular, aborda o tema da santidade na Bíblia Hebraica, valorizando a ideia de consagração para além do conceito de separação e enfatizando a proposta profética de santidade enquanto luta pela justiça social. A partir daí aborda alguns aspectos da santidade popular no Judaísmo, referindo-se a Deus próximo do seu povo, ao comprometer-se, inclusive, com promessas e juramentos. As pessoas, por sua vez, mantêm esse intercâmbio com votos e promessas a Deus, além de romarias, cortejos e caminhadas. Para além do quadro histórico da Bíblia Hebraica, expõe também o hassidismo, o essenismo e a cabala, como expressões da santidade popular de tradição judaica.

Palavras-chave: *Judaísmo. Religião popular. Santidade.*

Abstract

Concerning holiness, the article takes as its starting point the Brazilian reality, above all the Catholic culture, while a popular religion, with the saints popularly recognized. With this proposal of a popular holiness, it upholds the holiness question at the Hebraic Bible, emphasizing rather the idea of holiness through fight for social justice than consecration as

* Prof. Titular da PUCGoiás (lesil@terra.com.br).

separation of the world. From this basis analyzes some aspects of popular holiness in Judaism, making reference to God as close to His people, committing Himself even with promises and oaths. The people keeps this interchange with vows and promises to God, besides pilgrimages and processions. Beyond the historical frame of the Hebraic Bible it was also exposed hassidism, essenism and cabala as expressions of popular holiness of the Jewish tradition.

Keywords: *Judaism. Popular Religion. Holiness.*

Introdução

As religiões da humanidade, em geral, possuem uma forma institucionalizada e outra popular. Ambas as práticas convivem normalmente, sem constituírem uma divisão ou dicotomia. Noutros casos, porém, a devoção popular é paralela e, não raro, conflitante com a proposta da religião oficial. Esses dois aspectos se refletem nas diversas práticas devocionais, mas, sobretudo, no tema aqui analisado, o conceito de santidade.

O reconhecimento da pessoa santa, porém, depende dos critérios com que se analisa o fenômeno. Assim sendo, as religiões ou igrejas possuem vários conceitos de santidade, com predomínio ora de um aspecto mais institucional, ora de outro mais popular, de acordo com o olhar de quem a reconhece.

O oficial é institucional e obedece a ritos predeterminados. No catolicismo, segue um processo formal, inclusive com confirmação de milagres, como no caso da Madre Paulina. O popular tem expressões próprias, com maior acento na prática dos milagres, como se expressa na devoção ao Padre Cícero.

Sagrado ou profano caracterizam, por vezes, a santidade, no sentido que há santos com tendência mais mística e outros mais politizados. Ilustram o aspecto mais tradicional da religião, no caso brasileiro, os Santos canonizados Frei Galvão, Madre Paulina e Padre Anchieta, coincidentemente todos religiosos consagrados. Outros ilustram o aspecto da libertação, com tendência revolucionária, como o bispo salvadorenho Oscar Romero e a missionária norte-americana na Amazônia, Irmã Dorothy Stang. Público ou privado pode ser o culto dos santos, bem como a própria santidade, de caráter mais intimista ou mais social. A distinção poderia se estender a outras categorias, como clerical ou leigo, confessores ou mártires, casamento ou virgindade. Pode-se distinguir a invocação às pessoas vivas, do culto aos santos falecidos, típico da tradição católica. Caracteriza ainda mais o catolicismo a presença de imagens, ausentes nas tradições protestantes. Essas tendências diversas estão muito presentes na realidade brasileira, visto que o povo quer santos ligados aos seus problemas cotidianos.

Dentre tantas possibilidades, este artigo se propõe apresentar alguns traços da santidade popular no judaísmo, a partir da mesma ótica da santidade popular na realidade brasileira.

1. Santidade popular no Brasil

O Brasil é, certamente, uma terra de santidade. No universo católico, há, atualmente, uma enorme fila de santos à espera da canonização oficial, pelo Vaticano. José Luís Lira elenca 101 personagens, com predominância de santos populares, desde Inácio de Azevedo e 39 companheiros, mortos em 1570, até Luciano de Almeida, morto em 2006¹.

O universo cristão da Reforma Protestante valoriza mais a vocação de toda pessoa à santidade. Entretanto, esse mesmo contexto, lido mais criticamente, permite uma postura de aproximação com os santos populares da América Latina, em atitude de diálogo teológico e ecumênico².

Na devoção popular, santos e santas da margem ganham *status* de pessoas canonizadas pelo povo. É o caso das “santas prostitutas” do Sul do Brasil, ao lado do gauchito Gil, de São Sepé Tiaraju e do Negrinho do Pastoreio. Acrescentem-se aí as mulheres líderes da pastoral da criança³.

Um quadro mais amplo dessa realidade brasileira não cabe nos limites deste artigo, mas poderia incluir, na discussão, a santidade no universo pentecostal, bem como nas religiões indígenas e afrodescendentes, com a participação de outras tantas religiões representadas em nosso país.

A discussão sobre santidade popular e santidade oficial é reflexo da religião popular, que convive regularmente ao lado da religião oficial no Brasil, sem se configurar em divisão ou dicotomia. Origina-se, basicamente, da matriz católica romana, com os traços típicos do catolicismo lusitano, que colonizou o Brasil⁴.

1. LIRA, José Luís Araújo. *A caminho da santidade: quem são os brasileiros na lista de santificação da Igreja?* Uberlândia: Editora A Partilha, 2012. O autor é também fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Hagiologia.

2. RIETH, Ricardo Willy. A Reforma, os santos e a religião do povo na América Latina. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. 60, n. 240, dez. 2000, p. 830-858. Trata-se de amplo e bem documentado artigo, escrito a partir de um ponto de vista luterano.

3. SUSIN, Luiz Carlos. Santidade e Marginalidade. *Concilium*. Petrópolis, v. 351, n. 3, 2013, p. 52-61. Todo este volume da Revista gira em torno ao tema “Santos e santidade Hoje?”.

4. JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2004. Disponível em: <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Veraluciajurkevics.pdf> Acesso em: 28/02/2014. O texto é rico em informações a propósito de aprofundamento dessa realidade.

2. Santidade na Bíblia Hebraica

Para início de conversa em torno à Bíblia, respigamos alguns textos sobre santidade.

“Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2) é a fala do Senhor (*Yhwh*) a Moisés, e se insere no conjunto conhecido como código ou lei de santidade (Lv 17 a 26). Soa como um refrão, e resume, de maneira lapidar, uma convicção que percorre toda a Bíblia. A própria Bíblia, por sinal, é tida como livro santo ou sagrado (1Mc 12,9; 2Mc 8,23), e aclamada como Palavra do Senhor (*de-bar Yhwh*) 242 vezes no Antigo Testamento. O povo de Israel é chamado a formar uma nação santa (Ex 19,6). O lugar em que Moisés pisa é terra santa (Ex 3,5). O acampamento é lugar santo (Dt 23,15). Sião é monte Santo (Sl 48,2) e, principalmente, o Templo é santa habitação do Senhor (Is 63,15). O tempo é santo, como o dia de sábado (Ex 16,23) ou das assembleias (Lv 23,3-4). A arca da aliança é santa (2Sm 6,2) de tal modo que se alguém a tocar é passível de morte. Os sacerdotes são santos (Lv 21,6). Objetos são santos (Ex 30,29). O dízimo é santo ao Senhor (Lv 27,32). Mas, sobretudo, santo, santo, santo é o Senhor (Is 6,3).

3. Separação e consagração

“O conceito de santidade é onipresente na Bíblia e central não somente à teologia, mas também à ética cristã”, afirma Maurais ao iniciar o artigo sobre a relação entre santidade no Antigo Testamento e ética cristã. E adiante completa o mesmo autor, a respeito do Deus santo de Israel: “O tema da santidade divina é onipresente, do começo ao fim do cânon bíblico”⁵.

O artigo de Jean Maurais é iluminador para a compreensão do assunto, porque analisa criticamente o conceito de santidade e o amplia para além de sua tradicional definição, a começar pela importante contribuição de Rudolf Otto. Com base no estudo comparado das religiões, mais do que sobre os dados bíblicos, Otto propõe a imagem da divindade como numinoso, mistério tremendo e fascinante, “totalmente outro”, que causa espanto e temor⁶.

Os dicionários bíblicos, de modo geral, analisam a noção de santidade a partir da raiz *qdash* com o sentido predominante de separar, designando o que pertence à esfera do sagrado, distinto do profano⁷.

5. MAURIS, Jean. La sainteté dans l'Ancien Testament et son apport à l'éthique chrétienne. Disponível em: <http://eebchambly.com/lectures-dinteret/la-saintete-dans-lancien-testament-et-son-apport-a-lethique-chretienne/> Acesso em 25/02/2014. Respectivamente, p. 1 e p. 3.

6. OTTO, Rudolf. *O sagrado*: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. 2. ed. São Leopoldo, Petrópolis: Sinodal/EST, Vozes, 2007. Ao tema “O numinoso no Antigo Testamento” o autor dedica o capítulo 12 (p. 111-119).

7. MCCOMISKEY, Thomas E. *qdash*, ser consagrado, ser santo, ser santificado; consagrar, santificar, preparar, dedicar. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1320-5.

Mas, seria suficiente a noção de separação para descrever a santidade bíblica? Ora, se Deus escolhe Israel, para ser o seu povo, não é mais lógico que o convide a estar próximo? Esta é a outra face da moeda, a consagração, pois, se por um lado a Bíblia pede a separação das coisas santas, por outro ela propõe aproximação do sagrado e, especialmente, intimidade com o próprio Deus. Sendo assim, o convite da Bíblia à santidade é um convite para aproximar-se de Deus, e não para manter-se distante. Esse anseio é expresso por Is 63,19: “Oxalá fendes-se o céu e descesse”.

O autor Jean Maurais, que estamos seguindo neste item, amplia o conceito de santidade desde sua origem, mas, sobretudo, no seu sentido histórico e teológico. Do ponto de vista histórico, são fundamentais as contribuições de Claude Costecalde⁸.

Costecalde constata que o termo santidade (*godesh*) já era comumente utilizado, no contexto do Próximo Oriente, antes de ser empregado pelos autores bíblicos. Nesses dialetos semíticos, o sentido de *godesh*, utilizado sempre em contexto religioso, implica a ideia positiva de “consagração” ou de “pertencimento”, sendo que “aí não se encontra jamais uma noção de separação”⁹.

Daí se conclui que o chamado bíblico à santidade, enquanto consagração, é um convite para aproximar-se de Deus e a engajar-se na realização do seu projeto.

4. Santidade e justiça

Outra análise parcial do termo santidade concentra-se sobre o aspecto ritual, com acento sobre a tradição sacerdotal, a partir, sobretudo, do Pentateuco ou Torá. Nesse sentido limitado, a exigência para a santidade seria purificar-se, com o perigo de cair no dualismo entre puro e impuro, além das tendências ao ritualismo, ao moralismo e ao puritanismo.

Para ampliar a compreensão, ser santo compromete principalmente para a prática da justiça. É o aspecto sublinhado, com ênfase, pela profecia. “O Deus santo mostra sua santidade pela justiça” (Is 5,16).

A contribuição para ampliar o conceito de santidade provém do estudo bíblico teológico do termo santidade, apresentado por John Gammie¹⁰.

A tese central de Gammie é assim apresentada:

Para os autores da tradição sacerdotal, o Deus Santo claramente estendeu um chamado para pureza ritual, sacrifícios corretos, separação. Para os pro-

8. COSTECALDE, Claude Bernard. *Aux origines du sacré biblique*. Paris: Letouzey & Ané, 1986.

9. MAURIS, Jean. *La sainteté dans l’Ancien Testament*... p. 3.

10. GAMMIE, John G. *Holiness in Israel*. Minneapolis: Fortress Press, 1989. A indicação deste autor, que inspira este item, é também feita por MAURIS, Jean. *La sainteté dans l’Ancien Testament*...

fetas, santidade claramente propõe a convocação para a pureza da justiça *social* e equidade nas relações humanas. [...] O acento particular da tradição sapiencial é que santidade requer a pureza da moralidade *individual*¹¹.

A compreensão de santidade nos profetas, sobretudo em Isaías de Jerusalém, com seus predecessores e sucessores, no auge da profecia, em torno ao século VIII aC, implica uma compreensão de purificação, mas, predominantemente, de purificação dos pecados de injustiça.

No caso de Isaías, é fundamental a sua visão do “santo, santo, santo” (Is 6,3), que marca sua vocação profética, com a purificação dos lábios pela tenaz de um anjo (v. 6-7). A noção de Deus como “o santo de Israel” é comum na profecia bíblica (Is 1,4, de um total de 22 vezes em todo o livro de Isaías). Dado que o Deus santo de Israel julga com justiça e exige a prática da justiça (Is 11,3-6), nada mais evidente que exigir do seu povo, igualmente, a mesma prática (Is 5,18-19 dentre inúmeros outros textos). O tema da justiça social, tão caro e tão carente em nossa sociedade, associado à proposta bíblica de santidade, merece ser ampliado, para além da simples menção deste artigo.

5. Santidade popular no Judaísmo

O Judaísmo, para além da convicção segundo a qual só Deus é santo, populariza a santidade em pessoas como o profeta Elias (Ml 3,23-24), em festas como Purim (Est 3,7) e Hanucá (1Mc 4,59), e na própria maneira de viver a fé. Por causa da destruição do Templo de Jerusalém, e pela não existência de qualquer templo, os ritos judaicos se deslocaram para a sinagoga, em torno ao rabinato e ao ensinamento da Torá. Os sacrifícios deram lugar a práticas mais pessoais, como a circuncisão. O sacerdócio ministerial foi assumido como sacerdócio comum, de uma nação santa e povo sacerdotal.

Na apresentação das Instituições Religiosas de Israel, já o clássico Roland de Vaux demonstra, como anteriores ao Templo de Jerusalém, e aos primeiros santuários de Israel, os santuários semíticos, lugares sagrados como espaços de teofanias e de ações culturais. Esses espaços sagrados incluem águas, árvores e montanhas. Não faltam pirâmides ou zigurates, nem templos ou lugares altos, como testemunham as pesquisas sobre a Mesopotâmia¹².

No âmbito da profecia, a proposta de santidade enquanto luta pela justiça rejeita o ritualismo cultural, se não acompanhado da efetiva prática da justiça. São conhecidos os ataques ao culto oficial, particularmente ao ritualismo mágico, à hipocrisia dos sacerdotes e às práticas desacompanhadas da justiça. Amós parece

11. GAMMIE, John G. *Holiness in Israel...* p. 2.

12. DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 312-349.

rejeitar festas, reuniões, holocaustos, oferendas, sacrifícios, cantos, e demais práticas de culto (Am 5,21-25). Seria acompanhado por outros profetas como Oseias (8,11-13), Isaías (1,11-15), Miqueias (6,6-8) e Jeremias (7,1-11.21-23).

6. Deus distante e Deus próximo

Na Bíblia Hebraica, se em muitos textos Deus é um ser distante e inacessível, em inúmeros outros ele se mostra próximo e se deixa ver face a face. A tensão é visível em inúmeros textos¹³.

“Teu Deus Yhwh é fogo devorador. Ele é um Deus ciumento” (Dt 4,24). Seu nome não pode ser pronunciado em vão (Ex 20,7). Até hoje, este respeito faz substituir o nome de Deus, o tetragrama sagrado Yhwh, por Adonai, que literalmente significa meu Senhor.

Mas, noutros textos, ele se comunica face a face. É próximo, caminha com o povo. Adquire diversos nomes, conforme a realidade, El, Shadday, Elyon, Elohim...

Em inúmeras metáforas se expressa a proximidade deste Deus que é Emanuel, Deus conosco (Is 7,14). A misericórdia se traduz nas imagens do seio materno que gera e dá à luz (Nm 11,12), amamenta e ensina a andar (Os 11,3-4), consola como uma mãe (Is 66,13), não se esquece, ainda que uma mãe pudesse esquecer o seu filhinho (Is 49,14-15), comove-se nas entranhas (Jr 31,20).

Deus é também comparado a rocha, fortaleza, rochedo, escudo (2Sm 22,2-3.47). O seu direito, justiça e retidão só podem ser comparados ao rochedo inabalável (Dt 32,3-4). Ele é rocha eterna (Is 17,10; 26,4-5). É também tenda de refúgio (Ex 25,8; 33,7-11), águia que cuida do ninho e estende as asas (Dt 32,10-12). Deus prepara um banquete com carnes gordas e vinhos finos (Is 25,6-8; Sl 22,27)¹⁴.

7. Deus promete com juramento

Apesar de conter várias ordens para não jurar, a Bíblia apresenta, sobretudo no Antigo Testamento, inúmeras práticas de promessas e juramentos. E mais, quem promete sob juramento é o próprio Deus¹⁵.

13. REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico*. São Leopoldo/Goiânia: Oikos/UCG, 2009. Pode-se conferir, sobretudo, o capítulo que dá nome ao livro (p. 69-89).

14. SILVA, Valmor da. Palavra preparada. *Revista de Catequese*. São Paulo, v. 35, n. 137, jan.-mar. 2012, p. 54-55.

15. Reassumo aqui as ideias principais de uma publicação anterior sobre o assunto: SILVA, Valmor da. Votos, promessas, juramentos e maldições no Antigo Testamento. In: RICHTER REIMER, Ivoni; REIMER, Haroldo; FERREIRA, Joel Antônio (orgs.). *Mitologia e literatura sagrada: anais do III Congresso Internacional em Ciências da Religião*. PUC Goiás: Goiânia, 2010, p. 97-99.

Deus promete e se compromete, mediante juramento, para assegurar que sua palavra não volta atrás e se cumpre, seguramente (Nm 23,19). As diversas etapas da história de Israel podem ser lidas como o cumprimento das promessas feitas por Deus ao seu povo¹⁶.

O Pentateuco procura demonstrar como a promessa de bênção, descendência e terra, feita aos patriarcas, se cumpre, apesar da infidelidade do povo. A instalação da monarquia é explicada como cumprimento das promessas divinas. O próprio exílio, com o conseqüente retorno do resto de Israel, é interpretado como fiel cumprimento da aliança estabelecida por Deus com seu povo.

As promessas divinas, com frequência, são acompanhadas do seu juramento, para assegurar que serão realizadas. Deus jura por si mesmo (Gn 22,16), por sua santidade (Sl 89,36), por sua destra (Is 62,8) e por seu grande nome (Jr 44,26)¹⁷.

As duas raízes hebraicas utilizadas para jurar e para o substantivo correspondente, juramento (*'alah* e *shaba'*), significando a primeira jurar solenemente e a segunda jurar, esconjurar possuem aplicações semelhantes. O sentido de juramento, às vezes, se confunde com maldição, ou ambos os termos são utilizados um ao lado do outro, como em Dn 9,11.

8. Pessoas fazem votos e promessas a Deus

Fazer votos e promessas, como forma de culto a Deus ou aos santos, é prática tanto antiga quanto atual, sempre ampla e popular. Os votos e promessas atendem, sobretudo, às situações de dificuldade, tanto na Bíblia quanto na vivência cotidiana atual. Enquanto resposta à dor e ao sofrimento, a promessa é espontânea e, por vezes, de difícil controle por abuso ou exagero¹⁸.

Os votos, em Israel, constituíam uma categoria especial de “ofertas espontâneas” (Lv 7,16; Nm 15,3; Dt 12,6 etc.). Atendiam ao desejo extremo, da pessoa em dificuldade, que oferecia algo para que Deus a ajudasse.

Para votos e promessas, a Bíblia Hebraica possui diversos termos. O principal é voto (*néder*). “A raiz tem a conotação do ato de verbalmente consagrar (dedicar ao serviço) a Deus, isto é, fazer o voto de realizar algo (Gn 28,20 e ss.),

16. MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 747.

17. HARRIS, R. Laird. *Shaba'*, jurar, conjurar. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1517.

18. Reassumo aqui as ideias principais de uma publicação anterior sobre o assunto: SILVA, Valmor da. Votos, promessas, juramentos e maldições no Antigo Testamento, p. 99-102.

de fazer uma oferta (Lv 27,1-8) ou de abster-se de fazer alguma coisa (Sl 132,2-5)¹⁹. Segundo o mesmo autor, voto relaciona-se com juramento ('alah), maldição (*qalal*), estar obrigado ou comprometido ('asar), dedicar algo à destruição (*h̄rm*), fazer declaração ou promessa solene (*shaba'*).

Davies distingue, em Israel, três tipos de votos, sendo que a mesma classificação facilmente se aplica aos dias atuais²⁰. Barganha é o tipo mais comum, em que o ser humano oferece algo em troca de um favor divino, como os marinheiros fazem votos na esperança de salvar-se da tempestade (Jn 1,16), dentre inúmeros outros exemplos. Devoção desinteressada seria o segundo tipo, com o exemplo de Davi, que jura não entrar na tenda nem dormir “até que encontre um lugar para Iahweh, moradia para o Poderoso de Jacó” (Sl 132,5). Abstinência é o terceiro tipo, como no caso em que Israel devota Arad ao anátema, caso seja entregue em suas mãos (Nm 21,1-3). O mesmo autor sistematiza, também, as diversas normas que regem a prática dos votos e promessas.

9. Romarias, cortejos e caminhadas

A prática de procissões, peregrinações, romarias, cortejos e caminhadas é comum a diversas culturas e religiões. Possuem, normalmente, como foco um santuário. Na Bíblia, não poderia ser diferente.

A palavra hebraica para procissão (*halikah*) ocorre seis vezes, como processo de ir, com conotações diversas. Uma vez (Ne 12,31) ocorre, no plural, a palavra que designa o andar ritualista formal (*tahalukah*). Tanto um quanto o outro termo, provêm do verbo ir, andar, caminhar (*halak*), que designa o processo de deslocamento de um lugar para o outro²¹.

A história de Israel tem como eixo gerador uma marcha do Egito até a terra prometida, com uma longa caminhada pelo deserto. Outra interpretação explica a origem de Israel justamente como um processo de peregrinação aos santuários, onde se constituíram as chamadas tribos de Israel. As romarias, na Bíblia, enfim, possuem sentidos e aplicações diversas²².

19. COPPES, Leonard J. *néder*, voto, oferta votiva. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 927.

20. DAVIES, G. Henton. Vows. In: *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. 4. Nashville: Abingdon, 1962, p. 792-3.

21. COPPES, Leonard J. *tahaluká*, procissão, cortejo. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 355-356.

22. Veja os diversos exemplos em: CARAVIAS, José Luis; SOUZA, Marcelo de Barros. *Coisas da Bíblia: guia bíblico para as comunidades eclesiais*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 120-123.

10. Hassidismo

O movimento religioso de piedosos, conhecido como hassidismo (nome em geral aportuguesado como assideus), é conhecido desde os tempos do Antigo Testamento, a partir da raiz hebraica *hsd* que tem a ver com solidariedade, misericórdia e piedade. Suas origens históricas situam-se no tempo de Antíoco IV Epífanes. Nesse contexto, lutaram ao lado dos Macabeus, mas se distinguiram destes, porque não almejavam poder político e sim religioso. Primavam, desde então, pela observância da lei. Teriam sido precursores dos fariseus, após terem se dividido dos essênios²³.

Enquanto na Bíblia *hassidim* se refere a pessoas que praticam misericórdia, conseqüentemente se aplica a pessoas santas. Para além da Bíblia, o hassidismo se estendeu como uma corrente mística judaica, fundado em 1740, na Polônia, por Israel ben Eliezer, conhecido como Bal Shem Tov²⁴.

11. Essenismo

Outro forte movimento espiritual, na busca da essência do judaísmo, é constituído pelos essênios. Suas origens históricas talvez se confundam com o próprio hassidismo, da época da revolta dos Macabeus, evoluindo, posteriormente, para uma postura diferenciada. Ultrapassando o quadro histórico da Bíblia Hebraica, os essênios são descritos por Fílon de Alexandria e por Flávio Josefo. São conhecidos, mais profundamente, pela série de escritos encontrados em 1947, em Qumran, chamados Manuscritos do Mar Morto²⁵.

Segundo a descrição de Flávio, os essênios constituem uma das três filosofias judaicas, ao lado dos fariseus e dos saduceus. A busca de santidade dos essênios possui características bem particulares, com práticas como o celibato, a comunhão de bens e, sobretudo, por rígida disciplina e práticas rituais estritas²⁶.

12. Cabala

O movimento espiritual do judaísmo conhecido como cabala tem suas origens no início da era cristã, mas atinge seu auge no século XII, como tendência mística alternativa ao racionalismo. Suas origens, segundo ela própria, remontam

23. *Bíblia de Jerusalém (A)*. São Paulo: Paulus, 2002. Nota a sobre 1Mc 2,42 (p. 724).

24. SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 1240.

25. GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995. Apresenta a tradução, em português, dos diversos textos encontrados à Margem do Mar Morto.

26. GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino; TREBOLLE BARRERA, Julio. *Os homens de Qumran: literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1996. Numa série de capítulos, os autores apresentam as grandes discussões em torno aos manuscritos e aos próprios essênios.

a Moisés, a Abraão ou ao próprio Adão. Seu pensamento está expresso no livro escrito em aramaico, e conhecido como Zohar, palavra que significa brilho. De sua complexa doutrina, alguns pontos podem ser destacados. Deus é a origem de tudo, os números provêm da divindade, a alma humana é preexistente. “Na prática a cabala levava muitas vezes à magia, astrologia e quiromancia; e a exegese misturava-se com gematria, troca de letras e interpretação de letras”²⁷.

O sentido da cabala, contudo, vai muito além de uma tradição esotérica. Fundamenta-se na própria revelação de Deus na Torá, formando uma espécie de cadeia da tradição, tendo em uma das pontas o próprio Deus, e na outra o ser humano, objeto da misericórdia divina. Com isso se estabelece um elo de união mística entre a pessoa e Deus. A cabala envolve um compromisso com o jugo da Torá, compromisso este que se converte em júbilo, se bem abraçado. A pretensão da cabala é levar à união amorosa com Deus²⁸.

Para concluir

O estudo da santidade é inconcluso e pede mais. Menos mal, para um assunto que tem atraído tantas pessoas, através dos tempos e lugares. O ideal de santidade tem levado do martírio à glória. Permanece como um luminar a atrair vidas que se entregam nessa busca. São vidas que se entregam em consagração, para estarem com Deus o mais próximo possível.

A reflexão, por breve que seja, conduz a questionamentos profundos, e enlaça aspectos diversos, todos inter-relacionados.

O critério aqui abordado foi a apresentação na ótica da santidade popular. Em todas as religiões e igrejas a religião popular convive com a oficial. Não raro se confundem, pois uma assimila elementos da outra.

O ideal apresentado pela Bíblia Hebraica permanece válido: “Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2). Adquire ainda mais ênfase nas palavras de Jesus: “Deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48).

Referências

Bíblia de Jerusalém (A). São Paulo: Paulus, 2002.

CARAVIAS, José Luis; SOUZA, Marcelo de Barros. *Coisas da Bíblia: guia bíblico para as comunidades eclesiais*. São Paulo: Paulinas, 1991.

27. NELIS, J. Cabala. In: VAN DEN BORN, A. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 218.

28. SAFRAN, Alexandre. *La Cábala*. Barcelona: Martínez Roca, 1989. Trata-se de uma obra crítica, para aprofundar os conhecimentos sobre o assunto.

COPPES, Leonard J. *néder*, voto, oferta votiva. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 927-9.

COPPES, Leonard J. *tahalukâ*, procissão, cortejo. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 355-6.

COSTECALDE, Claude Bernard. *Aux origines du sacré biblique*. Paris: Letouzey & Ané, 1986.

DAVIES, G. Henton. Vows. In: *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. 4. Nashville: Abingdon, 1962, p. 792-3.

DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

GAMMIE, John G. *Holiness in Israel*. Minneapolis: Fortress Press, 1989.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino; TREBOLLE BARRERA, Julio. *Os homens de Qumran: literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARRIS, R. Laird. *Shaba'*, jurar, conjurar. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1516-8.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2004. Disponível em: <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Veraluciajurkevics.pdf> Acesso em: 28/02/2014.

LIRA, José Luís Araújo. *A caminho da santidade: quem são os brasileiros na lista de santificação da Igreja?* Uberlândia: Editora A Partilha, 2012.

MAURAS, Jean. La sainteté dans l'Ancien Testament et son apport à l'éthique chrétienne. Disponível em: <http://eebchambly.com/lectures-dinteret/la-saintete-dans-lancien-testament-et-son-apport-a-lethique-chretienne/> Acesso em 25/02/2014.

MCCOMISKEY, Thomas E. *qadash*, ser consagrado, ser santo, ser santificado; consagrar, santificar, preparar, dedicar. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1320-5.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 747-8; 969-10.

NELIS, J. Cabala. In: VAN DEN BORN, A. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 217-8.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. 2. ed. São Leopoldo, Petrópolis: Sinodal/EST, Vozes, 2007.

REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico*. São Leopoldo/Goiânia: Oikos/UCG, 2009.

RIETH, Ricardo Willy. A Reforma, os santos e a religião do povo na América Latina. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. 60, n. 240, dez. 2000, p. 830-858.

SAFRAN, Alexandre. *La Cábala*. Barcelona: Martinez Roca, 1989.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Valmor da. Palavra preparada. *Revista de Catequese*. São Paulo, v. 35, n. 137, jan.-mar. 2012, p. 45-55.

SILVA, Valmor da. Votos, promessas, juramentos e maldições no Antigo Testamento. In: RICHTER REIMER, Ivoni; REIMER, Haroldo; FERREIRA, Joel Antônio (orgs.). *Mitologia e literatura sagrada: anais do III Congresso Internacional em Ciências da Religião*. PUC Goiás: Goiânia, 2010, p. 97-104.

SUSIN, Luiz Carlos. Santidade e Marginalidade. *Concilium*. Petrópolis, v. 351, n. 3, 2013, p. 52-61.